

“O Manequim”, de Vicente Blasco Ibáñez

Tradução e apresentação de Rosangela Fernandes Eleutério¹
Universidade Federal de Santa Catarina

O autor

Vicente Blasco Ibáñez foi um escritor valenciano que viveu entre os anos 1867 a 1928. Foi conhecido por sua atuação política e considerado um ídolo pela massa republicana. Como escritor, suas novelas e contos são de leitura fácil e sugestiva, muito marcadas por forte crítica social e política, além de um convite à reflexão sobre uma sociedade decadente, que necessitava com urgência de justiça e igualdade de classes. Em suas produções literárias uniu seu talento para a escrita a seus ideais políticos criando textos que refletem um determinado período histórico e suas urgências, mas que retratam o quanto seus temas continuam atuais e suas reivindicações, através das novelas, pertinentes e necessárias.

O texto

“El manequí” (s/d) narra a história de Luis Santurce, um jovem rapaz que se casou com a bela Enriqueta, possuidora de uma grande beleza e vaidade. Os dois viviam felizes, mas como modéstia, e a falta de recursos financeiros de Luis, em pouco tempo, passou a ser um problema para sua bela esposa, que sentia sua beleza apagada pela falta de luxos e vestidos. Enriqueta abandona seu marido para viver com um homem mais velho, mas muito rico e que poderia lhe proporcionar a vida luxuosa que ambicionava. Depois de alguns anos, muito doente, Enriqueta volta à Madrid, onde havia vivido antes com Luis, e através de um padre solicita ver o ex-marido, que aceita relutante depois de muita insistência. Ao reencontrá-la, Luis também se encontra com o homem pelo qual foi deixado e uma silenciosa cumplicidade se estabelece entre eles.

O MANEQUIM

¹ Doutoranda em Estudos da Tradução no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista CAPES. E-mail: rosangelaeleuterio@gmail.com.

Nove anos se passaram desde que Luis Santurce se separou de sua esposa. Mais tarde, ele a viu envolta em sedas e tule no fundo de uma elegante carruagem passando diante dele como um lampejo de beleza ou ele adivinhou do paraíso do Real, lá embaixo, em uma caixa, cercada por cavalheiros que lutavam para sussurrar algo em seu ouvido para mostrar uma intimidade sorridente.

Esses encontros despertaram nele todos os resíduos da raiva do passado: ele havia fugido sempre de sua esposa como o diabo foge da cruz, e, porém, agora eu ia a seu encontro, vê-la e falar com ela naquele hotel da Castellana, cujo luxo insolente era o testemunho de sua desgraça.

Os movimentos rudes do carro alugado pareciam desencadear memórias do passado, tiradas de todos os cantos de sua memória. Aquela vida que ele não queria lembrar estava vindo, desdobrando-se diante de seus olhos fechados:

Sua lua de mel como um modesto empregado, casado com uma mulher bonita e educada, filha de uma família degradada; a felicidade daquele primeiro ano de pobreza adoçada pelo carinho; depois os protestos da Enriqueta se revoltando contra a escassez, o silencioso desgosto ao ouvir ser chamada de bela por todos e se ver vestida com humildade; os desgostos surgindo pelo menor motivo; as brigas da meia-noite no quarto conjugal; as suspeitas gradualmente corroendo a confiança do marido e, de repente, o aumento inesperado, bem-estar material esgueirando-se pelas portas; primeiro, timidamente, como evitando um escândalo; depois, com ostentação insolente, como se acreditasse entrar num mundo de cegos, até que, finalmente, Luís teve a prova incontestável de seu infortúnio. Ele tinha vergonha de se lembrar de sua fraqueza. Ele não era um covarde, tinha certeza disso, mas ele não tinha vontade ou a amava demais, e por isso mesmo, quando após uma espionagem vergonhosa ele estava convencido de sua desgraça, ele apenas ergueu a mão tensa sobre aquele lindo rosto de boneca pálida, e acabou não desferindo o golpe: só teve força para expulsá-la de casa e chorar como uma criança abandonada assim que fechou a porta.

Depois, a solidão total, a monotonia do isolamento, interrompida por notícias que o magoavam. Sua esposa viajava pelo centro da Europa como uma princesa: um milionário a tinha ganhado; aquela era sua verdadeira existência, era para isso que ela nasceu. Por um inverno inteiro ela atraía a atenção em Paris; os jornais falavam da bela espanhola; seus triunfos nas praias da moda foram ruidosos; foi considerado uma honra arruinar-se por ela, e vários duelos e certos rumores de suicídio formaram uma atmosfera de lenda em torno de seu nome. Depois de três anos de corrida triunfante, ela

voltou a Madrid, sua beleza aumentada pelo estranho encanto do cosmopolitismo. Agora ela era protegida pelo comerciante mais rico da Espanha, e em seu esplêndido hotel ela reinava apenas sobre uma corte de homens; ministros, banqueiros, políticos influentes, personagens de todas as classes que buscavam seu sorriso como a melhor decoração.

O seu poder era tão grande que até Luís acreditava que o sentia ao seu redor, vendo que as situações políticas aconteciam sem que ele fosse prejudicado no seu trabalho. O medo de lutar pelo sustento da vida o fez aceitar aquela situação, em que adivinhava a mão escondida de Enriqueta. Sozinho e condenado a trabalhar para viver, ele sentiu, porém, a vergonha do desgraçado cujo único mérito é ser marido de uma bela mulher. Toda a sua coragem consistia em fugir quando a encontrasse em seu caminho, insolente e triunfante em sua desgraça: fugir perseguido por aqueles olhos que se fixavam nele com surpresa, perdendo a altivez de mulher cobiçada.

Um dia ele recebeu a visita de um padre velho e de aparência tímida; o mesmo que agora estava sentado ao lado dele no carro. Ele era o confessor de sua esposa. Ela soube bem como escolher: um cavalheiro gentil, bastante discreto. Quando disse quem o estava mandando, Luis não se conteve. Tão corajoso! E ele proferiu o insulto. Mas imperturbável, o bom velhinho, como quem decorou a fala e tem medo de esquecê-la se demorou para liberá-la, falou-lhe de uma Madalena pecadora; do Senhor, que sendo quem ela era, a perdoou, e indo ao estilo simples e natural, ele contou a transformação sofrida por Enriqueta. Estava doente; ela mal saía do hotel: uma doença que a corroía por dentro, um câncer que precisava ser domado com injeções contínuas de morfina para não desmaiar e rugir de dor com seus arranhões cruéis. O infortúnio voltou seus olhos para Deus; ele se arrependeu do passado, queria vê-lo ...

E ele, o homem covarde, pulava de alegria com isso, com a satisfação dos fracos que parece vingado. Um câncer! ... O maldito luxo sangrento que apodrecia dentro dela, fazendo-a morrer em viva! E sempre tão lindo né? Que doce vingança! ... Não; Eu não iria vê-la. Era inútil o padre buscar argumentos. Ele podia visitá-lo quando quisesse e dar notícias de sua esposa: isso o deixaria muito feliz; agora ele entendeu porque os homens são maus.

Desde então, o padre o visitava quase todas as tardes para fumar alguns cigarros falando da Enriqueta, e às vezes saíam juntos, andando pela periferia de Madrid, como velhos amigos.

A doença progredia rapidamente. Enriqueta estava convencida de que ela ia morrer. Ela queria vê-lo para implorar seu perdão: então ela perguntava no tom de uma garota caprichosa e doente exigindo um brinquedo. Até "o outro", o poderoso protetor, dócil apesar de sua onipotência, implorava ao padre que levasse o marido de Enriqueta para o hotel. O bom velhinho falava com fervor da comovente conversação da senhora, embora confessasse que a maldita luxúria, perdição de tantas almas, ainda a dominava.

A doença a mantinha prisioneira em sua casa; mas em momentos de calma, quando a dor travessa não a fazia ir de um lugar para outro como uma louca, ela folheava catálogos e estatuetas em Paris, escrevia para seus fornecedores de lá, e era raro a semana em que nenhuma gaveta chegasse com a última novidades: ternos, chapéus e joias que, depois de olhá-las e usá-las à mão um dia na sala de jantar, caíam nos cantos ou ficavam guardados para sempre em armários, como brinquedos inúteis. O outro passava por todos esses caprichos, só para ver o sorriso de Enriqueta.

Essas confidências contínuas lentamente fizeram Luis penetrar na vida de sua mulher: ele acompanhou de longe o curso de sua doença e não passava nenhum dia sem que ele mentalmente roçasse aquele ser, de quem ele havia se separado para sempre.

Uma tarde, o padre apareceu com uma energia incomum. Aquela senhora estava nas últimas, chamando por ele; era um crime negar o último conforto a uma mulher moribunda, e ele não permitiria. Ele se sentia capaz de conduzi-lo pela força. Luis, vencido pela vontade do velho, deixou-se ser arrastado e meteu-se num carro, insultando-o mentalmente, mas sem forças para recuar... Covarde! Covarde como sempre!

Em busca da batina preta cruzou o jardim do hotel que tantas vezes, ao passar pelo passeio imediato, espiara com olhares de ódio ... E agora nada: nem ódio nem dor: um sentimento vivo de curiosidade, como aquele que entra em um país desconhecido, saboreando as maravilhas que você espera ver.

Dentro do hotel a mesma impressão de curiosidade e admiração. Ah, miserável! Quantas vezes nos devaneios de sua impotente vontade se vira entrando naquela casa como um marido de drama: a arma na mão para matar a esposa infiel, e depois destruir, como uma fera louca, os móveis caros, ricas cortinas, tapetes fofos! E agora a suavidade que sentia sob seus pés, as belas cores, seu olhar deslizava sobre elas, as flores que o saudavam com seu perfume dos cantos, causando-lhe a embriaguez de um eunuco, e ele sentiu o impulso de deitar-se naquele móvel; para tomar posse, como se fossem dele, como de sua esposa. Agora ele entendia o que era a riqueza e como ela pesava sobre

seus escravos. Já estava no primeiro andar e nem havia percebido, na calma solene do hotel, nenhum daqueles detalhes com os quais a morte se revela ao entrar em uma casa.

Viu criados, por trás de cuja máscara impassível julgou perceber um gesto de curiosidade insolente: uma criada saudou-o com um sorriso enigmático, que não se sabia se era simpatia ou zombaria pelo marido da senhora; ele pensou que poderia ver em uma sala imediata um senhor que estava se escondendo (talvez fosse o outro), e atordoado por aquele novo mundo, ele passou por uma porta, gentilmente empurrado por seu guia.

Estava no dormitório da senhora: um quarto emergido em suave penumbra que rasgava um raio de sol, infiltrando-se por um balcão entreaberto.

No meio desse raio de luz estava uma mulher ereta, esguia e rosada, vestida com um lindo vestido de noite, as costas peroladas emergindo de nuvens de renda, o peito e a cabeça brilhando com o brilho das joias. Luis recuou espantado, protestando contra a farsa. Era esta a doente? Eles ligaram para insultá-lo?

"Luís ... Luís ..." gemia atrás dele uma voz fraca, com uma entonação infantil e suave que o fazia lembrar o passado, os melhores momentos da sua vida

Seus olhos, já acostumados com a escuridão, viram no fundo da sala algo monumental e imponente como um altar: uma cama de fileiras, e na qual, sob as cortinas ondulantes, uma figura branca se erguia laboriosamente. Então ele percebeu a mulher imóvel que parecia estar esperando por ele com sua rigidez esguia, e os olhos com um olhar vago, como se estivessem borrados pelas lágrimas. Era um manequim artístico que tinha certa semelhança com a Enriqueta. Isso o ajudou a contemplar melhor as notícias que recebia continuamente de Paris. Ele foi o único ator nas representações de elegância e riqueza que se entregou sozinho para curar sua doença.

"Luis..., Luis" - voltou a gemer a vozinha desde o fundo da cama.

Com tristeza, Luís foi até ela e se viu agarrado por braços que o apertavam convulsivamente e sentiu uma boca ardente que o procurava, implorando perdão, ao mesmo tempo em que recebia a cálida carícia das lágrimas em uma face.

Diga que me perdoa, diga-me Luis, e talvez não morra.

E o marido, que instintivamente tentava repeli-la, acabou se abandonando naqueles braços, repetindo sem perceber as mesmas palavras de amor dos tempos felizes. Diante de seus olhos, acostumado à escuridão, ele marcava o rosto de sua esposa com todos os seus detalhes.

"Luis, meu Luis", disse ela, sorrindo em meio às lágrimas. Como você me encontra? Já não sou tão bonita como nos nossos tempos felizes ... quando ainda não era louca. Diga-me, por Deus, diga-me como sou para você.

Seu marido olhou para ela com espanto. Linda, sempre linda, com aquela beleza infantil e ingênua que a tornava tão temível. A morte ainda não estava lá; Só que, através do perfume suave daquela carne soberana, daquele leito majestoso, parecia deslizar uma névoa sutil e distante de matéria morta, algo que traiu a decomposição interior e que se misturou em seus beijos.

Luis adivinhou a presença de alguém atrás dele. Um homem estava a poucos passos de distância, olhando para ele com uma expressão confusa, como se atraído por um impulso maior do que a vontade que o envergonhou. O marido de Enriqueta conhecia, como meia nação, o rosto austero daquele homem idoso, homem de bons princípios, grande defensor da moral pública.

Diga para ele ir embora, Luis - gritou a doente. O que aquele homem está fazendo aí? Eu só quero você ... Eu só quero meu marido. Perdoe-me ... Era o luxo, o maldito luxo; eu precisava de dinheiro, muito dinheiro; mas amo ... só você.

Enriqueta chorava, mostrando o seu arrependimento, e aquele homem também chorou, fraco e humilhado pelo desprezo.

Luís, que tantas vezes pensara nele com acessos de raiva e ao vê-lo sentiu o impulso de se atirar ao seu pescoço, acabou por olhá-lo com simpatia e respeito. Ele a amava também! E a comunidade no afeto, em vez de repeli-los, ligava o marido e o outro com uma estranha simpatia.

“Deixa-o ir, deixa ele ir”, repetia a doente com teimosia infantil. E o marido olhou para o homem poderoso com uma expressão suplicante, como se pedisse perdão à esposa, que não sabia o que ela dizia.

- Venha, dona Enriqueta - disse a voz do padre no fundo da sala. Pense em você e em Deus; não se atire ao pecado do orgulho.

Os dois homens, o marido e o protetor, acabaram sentando ao lado do leito da enferma. A dor a fez rugir; Ela tinha que receber injeções frequentes e os dois eram solícitos em seus cuidados. Várias vezes suas mãos tropeçaram ao puxar Enriqueta e não foram separadas por uma repulsa instintiva; em vez disso, ajudaram-se mutuamente com a efusão fraterna.

Luís achava aquele bom homem cada vez mais compreensivo, que o tratava com tanta franqueza, apesar de seus milhões, e que chorava pela esposa ainda mais do que

ele. Durante a noite, quando a paciente repousava sob a ação da morfina, os dois homens, imersos naquela noite de sofrimento, conversaram em voz baixa, sem que em suas palavras o menor traço de ódio remoto se percebesse. Eles eram como irmãos reconciliados pela dor.

Ao amanhecer, Enriqueta morreu, repetindo: “Desculpe! Desculpa!” Mas seu último olhar não foi para o marido. Aquele lindo pássaro sem mente alçou voo para sempre, acariciando com os olhos o manequim com o eterno sorriso e o olhar vidrado: o ídolo do luxo que erguia a cabeça oca perto da varanda, na qual, com brilho infernal, brilhava os brilhantes, feridos pela luz azul do amanhecer.

FIM

EL MANEQUÍ

Nueve años habían transcurrido desde que Luis Santurce se separó de su mujer. Después la había visto envuelta en sedas y tules en el fondo de elegante carruaje pasando ante él como un relámpago de belleza o la había adivinado desde el paraíso del Real, allá abajo, en un palco, rodeada de señores que se disputaban el murmurar algo a su oído para hacer gala de una intimidad sonriente.

Estos encuentros removían en él todo el sedimento de la pasada ira: había huido siempre de su mujer como enfermo que teme el recrudecimiento de sus dolencias, y, sin embargo, ahora iba a su encuentro, a verla y hablarle en aquel hotel de la Castellana, cuyo lujo insolente era el testimonio de su deshonra.

Los rudos movimientos del coche de alquiler parecían hacer saltar los recuerdos del pasado de todos los rincones de su memoria. Aquella vida que no quería recordar iba desarrollándose ante sus ojos cerrados:

Su luna de miel de empleado modesto, casado con una mujer bonita y educada, hija de una familia venida a menos; la felicidad de aquel primer año de pobreza endulzada por el cariño; después las protestas de Enriqueta revolviéndose contra la estrechez, el sordo disgusto al oírse llamar hermosa por todos y verse humildemente vestida; los disgustos surgiendo por el más leve motivo; las reyertas a medianoche en la alcoba conyugal; las sospechas royendo poco a poco la confianza del marido, y de repente el ascenso inesperado, el bienestar material colándose por las puertas; primero, tímidamente, como evitando el escándalo; después, con insolente ostentación, como

creyendo entrar en un mundo de ciegos, hasta que, por fin, Luis tuvo la prueba indudable de su desgracia. Se avergonzaba al recordar su debilidad. No era un cobarde, estaba seguro de ello, pero le faltaba voluntad o la amaba demasiado, y por esto, cuando tras un vergonzoso espionaje se convenció de su deshonra, sólo supo levantar la crispada mano sobre aquella hermosa cara de muñeca pálida, y acabó por no descargar el golpe: Sólo tuvo fuerzas para arrojarla de la casa y llorar como un niño abandonado apenas cerró la puerta.

Después, la soledad completa, la monotonía del aislamiento, interrumpida por noticias que le hacían daño. Su mujer viajaba por el centro de Europa como una princesa: un millonario la había lanzado; aquella era su verdadera existencia, para aquello había nacido. Todo un invierno llamó la atención en París; los periódicos hablaban de la hermosa española; sus triunfos en las playas de moda eran ruidosos; se buscaba como un honor arruinarse por ella, y varios duelos y ciertos rumores de suicidio formaban en torno de su nombre un ambiente de leyenda. Después de tres años de correría triunfal, volvió a Madrid, acrecentada su hermosura por el extraño encanto del cosmopolitismo. Ahora la protegía el más rico negociante de España, y en su espléndido hotel reinaba sobre una corte sólo de hombres; ministros, banqueros, políticos influyentes, personajes de todas clases que buscaban su sonrisa como la mejor de las condecoraciones.

Tan grande era su poder, que hasta Luis creía sentirlo en torno de su persona, viendo que se sucedían las situaciones políticas sin que le tocasen en su empleo. El miedo a combatir por el sostenimiento de la vida le hacía aceptar aquella situación, en la que adivinaba la mano oculta de Enriqueta. Solo y condenado a trabajar para vivir, sentía, sin embargo, la vergüenza del miserable que tiene como único mérito ser esposo de una mujer hermosa. Todo su valor consistía en huir cuando la encontraba a su paso, insolente y triunfadora en su deshonra: huir perseguido por aquellos ojos que se fijaban en él con sorpresa, perdiendo su altivez de mujer codiciada.

Un día recibió la visita de un cura viejo y de aspecto tímido; el mismo que ahora iba sentado junto a él en el coche. Era el confesor de su mujer. ¡Bien había sabido escogerlo!: un señor bondadoso, de cortos alcances. Cuando dijo quién le enviaba, Luis no pudo contenerse. ¡Valiente tal!, y soltó redondo el insulto. Pero imperturbable el buen viejo, como quien trae aprendido el discurso y lo teme olvidar si tarda en soltarlo, le habló de Magdalena pecadora; del Señor, que siendo quien era la había perdonado, y pasando al estilo llano y natural, contó la transformación sufrida por Enriqueta. Estaba

enferma; apenas si salía de su hotel: una enfermedad que roía sus entrañas, un cáncer al que había que domar con continuas inyecciones de morfina para que no la hiciera desfallecer y rugir de dolor con sus crueles arañazos. La desgracia le había hecho volver sus ojos a Dios; se arrepentía del pasado, quería verle...

Y él, el hombre cobarde, saltaba de gozo al oír esto, con la satisfacción del débil que se ve vengado. ¡Un cáncer! ... ¡El maldito lujo que se pudría dentro de ella, haciéndola morir en vida! Y siempre tan hermosa, ¿verdad? ¡Qué dulce venganza! ... No; no iría a verla. Era inútil que el cura buscara argumentos. Podía visitarle cuando quisiera y darle noticias de su mujer: aquello le alegraba mucho; ahora comprendía por qué los hombres son malos.

Desde entonces, el cura le visitaba casi todas las tardes para fumar unos cuantos cigarrillos hablando de Enriqueta, y alguna vez salían juntos, paseando por las afueras de Madrid, como antiguos amigos.

La enfermedad avanzaba rápidamente. Enriqueta estaba convencida de que iba a morir. Quería verle para implorar su perdón: así lo pedía con tono de niña caprichosa y enferma que exige un juguete. Hasta «el otro», el protector poderoso, dócil a pesar de su omnipotencia, le suplicaba al cura que llevase al hotel al marido de Enriqueta. El buen viejo hablaba con fervor de la conmovedora conversión de la señora, aunque confesando que el maldito lujo, perdición de tantas almas, todavía la dominaba. La enfermedad la tenía prisionera en su casa; pero en los momentos de calma, cuando el pícaro dolor no la hacía ir de un lado a otro como una loca, hojeaba catálogos y figurines de París, escribía a sus proveedores de allá y rara era la semana en que no llegaban cajones con las últimas novedades: trajes, sombreros y joyas que, después de contemplarlos y mirarlos un día en el cenado dormitorio, caían en los rincones o se ocultaban para siempre en los armarios, como juguetes inútiles. Por todos estos caprichos pasaba el otro, con tal de ver a Enriqueta sonriente.

Estas continuas confidencias hacían penetrar lentamente a Luis en la vida de su mujer: seguía de lejos el curso de su enfermedad y no pasaba día sin que mentalmente se rozase con aquel ser, del que se había apartado para siempre.

Una tarde se presentó el cura con desusada energía. Aquella señora estaba en las últimas, le llamaba a gritos; era un crimen negar el último consuelo a una moribunda, y él no lo consentía. Sentíase capaz de llevarle a viva fuerza. Luis, vencido por la voluntad del viejo, se dejó arrastrar y subió a un coche, insultándole mentalmente, pero sin fuerzas para retroceder... ¡Cobarde! ¡Cobarde como siempre!

En búsqueda de la negra sotana atravesó el jardín del hotel que tantas veces, al pasar por el inmediato paseo, había espiado con miradas de odio... Y ahora nada: ni odio ni dolor: un vivo sentimiento de curiosidad, como el que entra en país desconocido paladeando anticipadamente las maravillas que espera ver.

Dentro del hotel la misma impresión de curiosidad y asombro. ¡Ah miserable! ¡Cuántas veces en los ensueños de su voluntad impotente se había visto entrando en aquella casa como un marido de drama: el arma en la mano para matar a la esposa infiel, y destrozando después, ¡como una fiera loca, los muebles costosos, los ricos cortinajes, las mullidas alfombras! Y ahora la blandura que sentía bajo sus pies, los bellos colores, por los resbalaba la mirada, las flores que le saludaban con su perfume desde los rincones, causándole una embriaguez de eunuco, y sentía impulsos de tenderse en aquellos muebles; de tomar posesión, como si le pertenecieran, por ser de su mujer. Ahora comprendía lo que era la riqueza y con qué fuerza pesaba sobre sus esclavos. Estaba ya en el primer piso y ni siquiera había percibido, en la calma solemne del hotel, ninguno de esos detalles con que se revela la muerte al entrar en una casa.

Vio criados, tras cuya máscara impasible creyó percibir un gesto de curiosidad insolente: una doncella le saludó con enigmática sonrisa, que no se sabía si era de simpatía o de burla por el marido de la señora; creyó distinguir en una habitación inmediata un señor que se ocultaba (tal vez era el otro), y aturdido por aquel mundo nuevo atravesó una puerta, empujado suavemente por su guía.

Estaba en el dormitorio de la señora: una habitación sumida en suave penumbra, que rasgaba una faja de sol, filtrándose por un balcón entreabierto.

En medio de este rayo de luz se hallaba una mujer erguida, esbelta, sonrosada, vestida con un hermoso traje de soirée, las nacaradas espaldas surgiendo de entre nubes de blondas, el pecho y la cabeza deslumbrantes con el centelleo de las joyas. Luis retrocedió asombrado, protestando contra la farsa. ¿Aquella era la enferma? ¿Le habían llamado para insultarle?

-Luis..., Luis... -gimió tras él una voz débil, con entonación infantil y suave que le recordaba el pasado, los mejores instantes de su vida.

Sus ojos, acostumbrados ya a la oscuridad, vieron en el fondo de la habitación algo monumental e imponente como un altar: una cama con gradas, y en la cual, bajo los ondulantes cortinajes, se incorporaba trabajosamente una figura blanca. Entonces se fijó en la mujer inmóvil que parecía esperarle con su esbelta rigidez, y sus ojos de vaga mirada, como empañados por lágrimas. Era un artístico maniquí que guardaba cierta

semejanza con Enriqueta. Le servía para poder contemplar mejor aquellas novedades que continuamente recibía de París. Era el único actor de las representaciones de elegancia y riqueza que se daba a solas para remedio de su enfermedad.

-Luis..., Luis – volvió a gemir la vocecita desde el fondo de la cama.

Tristemente fue Luis hacia ella para verse agarrado por unos brazos que le apretaron convulsivamente y sentir una boca ardorosa que buscaba la suya implorando perdón, al mismo tiempo que en una mejilla recibía la tibia caricia de las lágrimas.

Di que me perdonas; dilo, Luis, y tal vez no muera.

Y el marido, que instintivamente intentaba repelerla, acabó por abandonarse entre aquellos brazos, repitiendo sin darse cuenta las mismas palabras cariñosas de los tiempos felices. Ante sus ojos, habituados a la oscuridad, iba marcándose con todos sus detalles el rostro de su mujer.

-Luis, Luis mío -decía ella sonriente en medio de las lágrimas-. ¿Cómo me encuentras? Ya no soy tan hermosa como en nuestros tiempos de felicidad..., cuando yo aún no era loca. Dime, ¡por Dios!, dime qué te parezco.

Su marido la miraba con asombro. Hermosa, siempre hermosa, con aquella belleza infantil e ingenua que tan temible la hacía. La muerte aún no estaba allí; únicamente, por entre el suave perfume de aquella carne soberana, de aquel lecho majestuoso, parecía deslizarse un vaho sutil y lejano de la materia muerta, algo que delataba la interior descomposición y que se mezclaba en sus besos.

Luis adivinó la presencia de alguien detrás de él. Un hombre estaba a pocos pasos, contemplándolo s con expresión confusa, como atraído allí por un impulso superior a la voluntad que le avergonzaba. El marido de Enriqueta conocía, como media nación, la austera cara de aquel señor ya entrado en años, hombre de sanos principios, gran defensor de la moral pública.

-Dile que se vaya, Luis -gritó la enferma-. ¿Qué hace ahí ese hombre? Yo sólo te quiero a ti..., sólo quiero a mi marido. Perdóname... Fue el lujo, el maldito lujo; necesitaba dinero, mucho dinero; pero amar..., sólo a ti.

Enriqueta lloraba, mostrando su arrepentimiento, y aquel hombre lloraba también, débil y humilde ante el desprecio.

Luis, que tantas veces había pensado en él con arrebatos de cólera, y que al verle había sentido impulsos de arrojarse a su cuello, acabó por mirarle con simpatía y respeto. ¡También la amaba! Y la comunidad en el afecto, en ves de repelerlos, ligaba al marido y al otro con una simpatía extraña.

-Que se vaya, que se vaya -repetía la enferma con una terquedad infantil. Y su marido miraba al hombre poderoso con expresión suplicante, como si pidiera perdón para su mujer, que no sabía lo que decía.

-Vamos, doña Enriqueta -dijo desde el fondo de la habitación la voz del cura-. Piense usted en sí misma y en Dios; no incuna en el pecado de soberbia.

Los dos hombres, el marido y el protector, acabaron por sentarse junto al lecho de la enferma. El dolor la hacía rugir; había que darle frecuentes inyecciones y los dos acudían solícitos a su cuidado. Varias veces se tropezaron sus manos al incorporar a Enriqueta, y no las separó una repulsión instintiva; antes bien, se ayudaban con efusión fraternal.

Luis encontraba cada vez más simpático a aquel buen señor, de trato tan llano, a pesar de sus millones, y que lloraba a su mujer más aún que él. Durante la noche, cuando la enferma descansaba bajo la acción de la morfina, los dos hombres, compenetrados por aquella velada de sufrimientos, conversaban en voz baja, sin que en sus palabras se notara el menor dejo de remoto odio. Eran como hermanos reconciliados por el dolor.

Al amanecer murió Enriqueta, repitiendo: «~Perdón! ¡Perdón!» Pero su última mirada no fue para el marido. Aquel hermoso pájaro sin seso levantó el vuelo para siempre, acariciando con los ojos el maniquí de eterna sonrisa y mirada vidriosa: el ídolo del lujo que erguía cerca del balcón su cabeza hueca, sobre la cual, con infernal fulgor, centelleaban los brillantes, heridos por la azulada luz del alba.

FIN